

Perspectivas ideológicas: *A Águia* como simbolismo (revisitando o editorial da primeira edição)

Dr. Luiz Eduardo Rodrigues Amaro

Existem alguns símbolos que notoriamente são fortes a ponto de, em qualquer cultura, encontrarem significações similares: a cruz e a espada, o sol e a lua, o elmo, o escudo, as estrelas, o leme e também alguns animais, como o lobo, o leão, o cavalo, o dragão (animal místico), o falcão e a águia, só para citar alguns.

A escolha do símbolo para representar um produto, uma empresa ou uma mídia qualquer é um fator significativo. Se bem escolhido, alavanca a marca e a consolida, em alguns casos, acaba até por se transformar no produto vendido pela empresa, como aconteceu com a Gillette, por exemplo. Do palhaço do McDonald's à suástica nazista, da cruz do Cristianismo ao Olho de Hórus maçônico, os símbolos atuam de forma expressiva na sociedade e, muitos deles, são escolhidos devido às suas cargas míticas, que acessam a psique humana, evocando sentimentos e ideias esperados por aqueles que os escolheram.

A simbologia da águia é deveras elucidadora das intenções que a movem. O senso comum permite-nos vislumbrar uma significação, mas esse senso não dará conta da grandeza do símbolo, no caso do nosso estudo, pois ele se traduz como “a expressão metafórica duma criança entendida como elevação, como comunhão com o Alto” (ROCHA, 1985, p. 272). Não é tão somente “voar, erguer-se, estar por cima”, que é a natureza do animal, é Alto, com letra maiúscula, referindo-se a uma extensão oracular, profética, espiritual, divinizante. Nesse sentido, a *Águia* voa para dentro da alma portuguesa, ela remete o ser a um estado metafísico, tal qual na teoria de Pascoaes. A natureza da metáfora é assim, inclusive, como já nos ensinou o respeitado professor Joseph Campbell:

MOYERS: O que é metáfora?

CAMPBELL: Metáfora é uma imagem que sugere alguma outra coisa. Por exemplo: se eu digo a alguém “Você é uma víbora”, não estou sugerindo que a pessoa seja literalmente uma víbora. “Víbora” é uma metáfora. Nas tradições religiosas, a metáfora remete a algo transcendente, que não é literalmente alguma coisa. Aceitar a metáfora como auto-referente equivale a ir ao restaurante, pedir o cardápio e, deparando ali com a palavra “bife”, começar a comer o cardápio. // Por exemplo, Jesus não ascendeu ao Paraíso.

A denotação seria de que alguém subiu ao céu, é isso literalmente o que está sendo dito. Mas se fosse de fato esse o sentido da mensagem, então teríamos de jogá-la fora, porque não teria havido nenhum lugar como esse onde Jesus literalmente pudesse ir. Sabemos que Jesus não podia ter ascendido ao Paraíso pois não existe nenhum paraíso físico em qualquer parte do universo. Mesmo que ascendesse à velocidade da luz, Jesus ainda estaria na galáxia. A astronomia e a física simplesmente eliminaram isso como possibilidade física, literal. Mas se você ler “Jesus ascendeu ao Paraíso” em termos de sua conotação metafórica, entenderá que ele foi para dentro – não para o espaço exterior, mas para o espaço interior, para o lugar de que provém todas as coisas, para a consciência que é a fonte de todas as coisas, para o reino do paraíso interior. As imagens estão aí fora, mas seu reflexo é interior. O fato é que nós poderíamos ascender com ele, caminhando para dentro. É a imagem do retorno à fonte, alfa e ômega, deixando para trás a fixação do corpo e caminhando na direção da fonte dinâmica do corpo.

MOYERS: Você não está minando uma das grandes doutrinas tradicionais da fé cristã clássica – a de que o sepultamento e a ressurreição de Jesus prefiguram o nosso próprio sepultamento e ressurreição?

CAMPBELL: Isso seria um erro de leitura do símbolo. Seria ler as palavras em termos de prosa e não em termos de poesia, ler a metáfora em termos de denotação e não de conotação.

MOYERS: E a poesia atinge a realidade invisível.

CAMPBELL: Aquilo que está além do próprio conceito de realidade, que transcende todo pensamento. O mito coloca você lá, o tempo todo, fornece um canal de comunicação com o mistério que você é.

(CAMPBELL, 2012, p. 59)

É por esse caminho apresentado pelo mitólogo, o da expressão poética, que entendemos o símbolo do periódico. Ademais, essa interpretação se sustenta pela via da Poesia no editorial da primeira edição. Ainda nessa orientação, a pesquisadora Clara Rocha escreve:

A par da imagem da elevação, surge n' *Águia* a imagem *oracular* para designar a atitude poética. Teixeira de Pascoaes, o “guia espiritual” do grupo, é visto assim por Jaime Cortesão, que insiste nos dons mediúnicos e visionários do poeta de Gatão: “E Teixeira de Pascoaes que, a cada passo, arrebatado pela sua visão cósmica, deixou a Terra numa abalada pelo Infinito: ele que fugindo ao que é transitório e vão, nos põe em contacto com a verdade íntima das coisas, que consegue levar-nos a um País onde só há Sombras, Fantasmas e Aparições, libertando-se de todos os vínculos que nos prendem à Carne e à Terra, numa visionação de Alma, abrasada em Amor infinito, é esse mesmo que se refere continuamente e em palavras enternecidas, ao seu Tâmega, às suas árvores, ao seu Marão”. (ROCHA, 1985, p. 272)

Em todas as significações orientadas por esse viés, a águia encontrará penetração no ideário da Renascença Portuense e na consequente busca pela reconstrução do *ethos* português. Na Heráldica, por exemplo, ela é tomada como o símbolo do líder, daquele que traz a vitória ao seu povo, não é gratuito o uso dela nos estandartes romanos de Júlio Cesar. Ela representa a força, o poder, a autoridade –

trata-se do pássaro-rei, o animal de Zeus¹. Nesse sentido, dialogamos com o trabalho da Doutora Raquel dos Santos Madanêlo Souza, que nos orienta:

A designação dada a essa grande ave de rapina, simbolicamente representativa de força, superioridade e ascese, foi a escolhida para intitular uma publicação periódica que surgiu em Portugal no ano de 1910¹. A 2ª série da revista *A Águia*, que passa a ser um órgão da *Renascença Portuguesa*², mantém o título a pedido de seu secretário e administrador. Segundo Álvaro pinto: “Queriam alguns que se desse o nome da revista de Renascença”. Defendi o nome de “Águia”, já porque dela é que tinha partido o movimento, já porque esse nome era um símbolo nada para se desprezar (...)”. // É sob a égide desse signo, que evoca a elevação e o poder, que se passa a editar uma das mais importantes publicações periódicas portuguesas. (SOUZA, 2008, p. 28-9)

Na teoria junguiana, a águia é o símbolo maior da regeneração espiritual, pois é um animal psicopompo.

PSICOPOMPO

A figura que guia a alma em ocasiões de INICIAÇÃO e transição: uma função tradicionalmente atribuída a Hermes no MITO grego, pois ele acompanhava as almas dos mortos e era capaz de transitar entre as polaridades (não somente a morte e a vida, mas também a noite e o dia, o céu e a terra). No mundo humano, o sacerdote, xamã, feiticeiro, e médico são alguns que foram reconhecidos como capazes de preencher a necessidade de orientação e mediação espirituais entre mundos sagrados e seculares. Jung não alterava o significado da palavra, porém a usava para descrever a função da ANIMA E ANIMUS em conectar uma pessoa a um sentimento de seu propósito último, sua decisiva vocação o destino; em termos psicológicos, atuando como um intermediário ligando o EGO e o INCONSCIENTE (ver SELF). Ver PERSONALIDADE MANA. (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 88)

Na acepção acima, a *Águia* reconecta o português à sua essência, talvez adormecida, recupera a memória, educa o espírito, sendo capaz de “preencher a necessidade de orientação e mediação espirituais entre os mundos sagrados e seculares”. Ela se propõe a visitar o passado, resgatando a essência dele para recoloca-la no “ânimo das pessoas”, a fim construir um futuro no qual o povo possa voar novamente.

É por esse motivo que a *Águia*, sob a tutela de Pascoaes, trata “os artistas como vozes oraculares, porque acredita que eles são cristalizações artísticas da exaltação sentimental de sua época” (ROCHA, 1985, p. 273). Nessa perspectiva elevada, Pascoaes crava Camões no âmago português e aí nós imbricamos o autor

¹ A aproximação é sugestiva a outros movimentos nacionalistas que, àquela época, circulavam e que causaram terríveis danos à Europa, como o fascismo italiano e o Integralismo, esse último com ramificações no Brasil.

de *Os Lusíadas* ao Saudosismo Metafísico e à reconstrução do *ethos* pela Renascença. Camões é a Pátria por analogia.

(...) Assim Camões: “Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Pátria. Portugal tem vivido à sombra do épico imortal: é o único país cuja autonomia se tem firmado sobre o nome dum Poeta”, escreve Teixeira de Pascoaes. A mesma imagem oracular do Poeta/Esfinge reaparece, de resto, na Nova Renascença: “Seria na verdade tentador ver na poesia camoniana, como o faz por exemplo Fidelino de Figueiredo, um sibilino verbo oracular, a que vamos, como um povo, pedir nacionalmente <conselho>, nos nossos momentos de crise. E isso explicaria a multiplicidade de respostas (ou de silêncios) de que o Vate nos deixa suspensos, como a Esfinge, suscitando ao longo dos tempos as mais diversas interpretações, ou recuperações, ao sabor dos exegetas do mito. (...) // Um exemplo privilegiado, que permite surpreender o caráter obsessional de Camões no imaginário mítico-poético nacional, é o da visão que, logo após a viragem da Monarquia para a República, dele tiveram os dois maiores poetas portugueses deste século, que por um momento, nas páginas de *A Águia* e no espaço de coexistência dos opostos da Renascença Portuguesa, fizeram do Poeta, em sentidos convergentes e divergentes, o polo de referência da sua assunção da pátria e da poesia. Falamos de Teixeira de Pascoaes e de Fernando Pessoa, cujo já se terá adivinhado” (ROCHA, 1985, p. 273)

Em capítulo vindouro, ao estudarmos a questão da Saudade, veremos como essa relação expressa, interliga todos esses grandes poetas, e é, segundo essa teoria, veiculada no periódico em foco, o que individualiza a alma nacional, ou seja, o principal fator que faz o português, um português. *Os Lusíadas* (1572) foram utilizados como uma peça de resistência ao domínio espanhol, pois esse poema épico carrega a essência dessa alma que, na relação Portugal e os outros, nesse caso, os espanhóis, permitiu que o povo se mantivesse íntegro, não se aniquilasse perante o domínio da Espanha: eles nunca foram espanhóis, apesar de muitos iberistas (até mesmo nos dias de hoje) acreditarem em uma só nação ibérica.

No texto introdutório da primeira edição da revista, intitulado *Os homens superiores na selecção natural*, nós encontramos a definição de quem seriam esses homens: os líderes, que conseguem olhar para a frente. “Na verdade, é assim: o homem superior está para além do seu tempo. Por isso, é superior”. (*A ÁGUIA*, 01 dez 1910, n.1, p. 2)

Lembrando o nosso animal símbolo, é aquele que consegue enxergar como a águia e mergulhar em um tempo outro, à frente do espírito da geração em que se encontra.

O seu tempo é formado por uma *synthese* de ideias, por um conjunto de sentimentos, a que se poderia chamar “a alma das maiorias”. O homem

superior, estando para além do seu tempo, para além das opiniões do seu tempo, sente que a sua razão paira muito acima da razão das maiorias. // As maiorias são a mediocridade, o typo médio d'uma dada época. O homem superior, sendo o esboço, o embrião, a synthese individual, d'uma época futura, não pode furtar-se, de quando em quando pelo menos, a um sentimento de desprezo pelos homens, pela massa commum da humanidade, pelas maiorias em summa. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 1)

Como observamos claramente, a superioridade não está em uma raça, no sentido determinista que criou tanta desgraça na Europa daquele tempo até a década de 50, pelo menos, pois ele se aplica a uma visão de mundo, ou melhor, a uma capacidade de conduzir um embrião a uma síntese futura, ou seja, mesmo contra o senso comum, plantar algo que, no futuro, frutificará. De certo, essa analogia tem como significação o que a Renascença Portuense tenta fazer no momento da escritura daquele texto, passa pela regeneração de uma sociedade em decadência. Apesar de haver uma aproximação com ideia de evolução nesse texto, percebemos com bastante nitidez que o matiz é ideológico.

Como em todas as espécies, o sentido da evolução é esboçado por alguns typos isolados mais aptos, mais perfeitos. Na espécie humana esses typos são representados pelos homens superiores. O homem superior é o intérprete de certas tendências dispersas e latentes na massa commum dos homens, como o typo isolado, que esboça a variação útil d'uma dada espécie, é o interprete de muitos caracteres latentes d'essa espécie. Esses "typos de vanguarda", chamemos-lhe assim, são uma synthese necessária, um poderoso processo de selecção natural para fixar novos caracteres. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 1)

Essa minoria, no entanto, como o texto deixa claro, não quer dizer elite. Trata-se de um grupo notadamente composto de certas qualidades (intelectuais), seleccionadas pela evolução, para que sejam capazes de interpretar "certas tendências dispersas e latentes na massa commum dos homens". Os poetas, por exemplo, são capazes de tal empreita.

Há duas forças nessa construção: a primeira, da massa numerosa, que puxa para o passado; a segunda, dos "homens superiores", que aponta para o futuro. Esse conflito social entre o conservadorismo e o vanguardismo tende a criar fissuras que, posteriormente, servirão para plantar as sementes.

E entre estas duas forças: uma no sentido do futuro, outra no sentido do passado; uma que impele para diante, outra que pucha para traz; a maioria representa a força conservadora, a que estabelece e garante o equilíbrio social. // E, como não há nada capaz de destruir uma verdade, a minoria progressiva irá conquistando a maioria, irá absorvendo-a e transformando-a

no sentido de futuro. A maioria deixar-se-á transformar lentamente, sem ondulações bruscas e penosas, porque esse é o sentido do seu bem-estar. // A natureza, na sua inconsciência, parece mais sábia do que certos philosophos que julgam possível o triumpho da verdade e da Justiça sem lucta. Deixae que as minorias progressivas sejam vencidas no conflito! O triumpho das maiorias sobre ellas é aparente. No futuro triumpham sempre as minorias; a minoria progressiva nas sociedades que avançam e vivem, a minoria regressiva nas sociedades que recuam e morrem. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 2)

Ainda pensando nesse sentido dos “seres superiores” e do simbolismo da *Águia*, o que Portugal teria como representação maior de sua potência, para que servisse de molde a uma alma revisitada? Evidentemente nós pensaríamos, assim como pensou o autor de *A arte de ser português* (1915), a história de Portugal com as navegações, a época dos Descobrimentos, cantada por Camões no gênero apropriado para exaltar o ápice de um povo: a epopeia. Assim como os portugueses se divinizaram no épico, o próprio autor divinizou-se na vida real para seus seguidores. Teixeira de Pascoaes é o grande responsável por conectar essa essência camoniana à alma portuguesa, por meio da Saudade, e foi também nessa revista, *A Águia*, que tal fato aconteceu. Segue o texto integral citado por Clara Rocha em seu livro *Revistas Literárias do Século XX em Portugal* (1985), no qual não deixa dúvida sobre o significado de Camões para o editor da revista *A Águia*.

Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Patria. Portugal tem vivido à sombra do épico imortal: é o único paiz cuja autonomia se tem firmado sobre o nome d'um Poeta. // A sombra de Camões vigia as nossas fronteiras e ampara as nossas Colonias. É uma fortaleza espiritual e por isso indestrutível. // Camões é ainda o nosso ponto de contacto com a Humanidade, com a vida eterna, porque ele foi o supremo interprete do gênio aventureiro e descobridor de Vasco da Gama, transfigurado em sonho, eis o Poeta dos Luzíadas, esse poema feito de ondas, espumas, nevoas, tempestades... Neptuno reencarnou em Camões para escrever em verso heroico a sua auto-biografia. Os Luzíadas são os Evangelhos do Mar. O Mar é o nosso Livro d'Órações. Lêr os Lusíadas é resar o Mar... (A ÁGUIA, n. 6, 2ª Série, 1912, p. 173).

REFERÊNCIAS

A ÁGUIA: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA. Porto: Tércio Miranda, S.1, n. 01 – S.5, n.03, Ano XX. 1910-1932.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1985.

SAMUELS, Andrew, SHORTER, Bani, PLAUT, Alfred. *Dicionário crítico de análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.



Copyright: Creative Commons

Permitida a reprodução, desde que mantidas a fonte e autoria.

Permitida a reprodução, desde que seja do texto integral.

Não é permitido alterar o texto.

Reprodução permitida apenas para uso não-comercial.

Disponível